

**GT 06 – NARRATIVAS DE VIDA: SABERES, SENTIDOS E EXPERIÊNCIAS DE
FORMAÇÃO
DA INFÂNCIA À VIDA ADULTA: RELATOS DE UMA LEITORA EM FORMAÇÃO**

Ellem Ellyzabeth Barbosa Quirino
URCA – Missão Velha
ellem.ellyzabeth@gmail.com

Maria Carolina Pereira da Costa
URCA – Missão Velha
costa.carolina182@gmail.com

Ma. Paula Perin (Orientadora)
URCA – Missão Velha
paula.perin@hotmail.com

RESUMO

Este memorial de leitura traz à tona os pontos fundamentais da nossa formação leitora, desde a época da Educação Infantil até a Educação Superior. O objetivo desse trabalho é relatar as experiências vividas durante o processo de alfabetização até a entrada no Ensino Superior, passando pelo contato com a leitura e os relatos da sua importância para a nossa formação. Este trabalho tem como metodologia o método (auto)biográfico e a pesquisa bibliográfica. Adotamos como referencial teórico as contribuições de autores como Câmara (2013), que esclarece o que é um memorial e a importância do uso desse gênero na formação acadêmica; Freire (2011), que trata da importância da leitura e o papel da escola e dos professores enquanto agentes influenciadores dos nossos alunos no desenvolvimento, Freitas e Ghedin (2015), que discutem o que são as narrativas de formação, como instrumentos para a formação docente, e Silva, Cavalcante e Silva (2017), que trazem uma discussão sobre o que são os métodos (auto)biográficos e as suas contribuições para a pesquisa de formação de seu conhecimento. Com esse estudo, podemos afirmar que a formação leitora não se dá apenas na escola, o acompanhamento da família nesse processo é essencial para que a criança já chegue na escola com interesse pela leitura.

Palavras-chave: Leitura. Formação. Escola. Aluno.

1 INTRODUÇÃO

O memorial de formação é um gênero textual acadêmico que busca retratar a trajetória de um sujeito durante seu processo de formação. Para Câmara (2013), o memorial é uma expressão específica da cultura acadêmica brasileira, ele não só retrata aspectos privados, do autor que retrata a sua autobiografia, mas também retrata aspectos públicos, pois envolve sujeitos com os quais o autor do texto dialoga durante a sua vivência. Sobre isso, Souza (2007, p. 68) afirma que “o pensar em si, falar de si e escrever sobre si emergem em um

contexto intelectual de valorização da subjetividade e das experiências privadas”. Por isso, entendemos a importância do memorial para que também possamos refletir sobre a nossa formação.

Nesse sentido, nosso objetivo aqui é relatar as experiências de leitura vividas por uma das autoras deste estudo desde o seu processo de alfabetização até seu ingresso no Ensino Superior, refletindo assim sobre o seu processo de formação. Adotamos como metodologia a pesquisa bibliográfica e o método (auto)biográfico. Esse método é definido como “um processo de escrever sua própria história a partir do núcleo da formação que se especifica em eixos ligados a aspectos específicos da experiência intelectual e escolar” (CATANI *et al.*, 1997, p. 22 *apud* FREITAS e GHEDIN, 2015, p. 116). Neste sentido, Silva, Cavalcante e Silva (2017, p. 1692) ao abordarem esse método, afirmam que “as narrativas (auto)biográficas implicam no processo de (re)construção de sentidos e significados do fazer docente, pois estas auxiliam a formação de professores em qualquer espaço educativo”.

Como referencial teórico, utilizamos as contribuições de Câmara (2013), que trata da importância do memorial na formação acadêmica; Freire (2011), que aborda a importância da leitura e o papel dos docentes e da escola enquanto agentes influenciadores dos nossos alunos no desenvolvimento de seu conhecimento, Freitas e Ghedin (2015), que discutem o que são as narrativas de formação, como instrumentos para a formação docente e Silva, Cavalcante e Silva (2017), que trazem uma discussão sobre o que é o método (auto)biográfico e as suas contribuições para a pesquisa de formação.

Este trabalho tem a seguinte organização: apresentarei inicialmente todo o relato de uma das autoras sobre sua trajetória estudantil, desde o Ensino Infantil até o Ensino Superior, relacionando suas experiências com os autores que serviram de fundamentação teórica para a produção desse estudo. Por fim, tecemos nossas considerações finais, em que destacamos nossas considerações sobre como se forma um leitor com base em nossa experiência.

2 O BREVE RELATO DE UMA FORMAÇÃO INACABADA

Nasci na cidade de Mauriti, interior do estado do Ceará. Meus pais, enquanto moços, não tiveram tanta oportunidade de terminar os seus estudos. Meu pai cursou somente até o primeiro ano do Ensino Médio, minha mãe desistiu dos estudos antes de concluir o Ensino Fundamental. Por esse motivo, eles sempre exigiram e foram grandes incentivadores para que eu e meus dois irmãos estudássemos e tivéssemos apreço aos estudos. Sempre nos ensinavam a ler, e quando ingressei na educação infantil já sabia escrever meu nome completo e algumas

palavras simples, pois como trata Ferrarezi Jr. (2013), os pais são o exemplo para a formação leitora dos seus alunos, e eles precisam se dar conta disso e não esperarem apenas para que o aprendizado se dê na escola.

Minha carreira enquanto estudante se iniciou em 2002. Morávamos no sítio e nos mudamos para a cidade para que eu pudesse morar mais perto da escola e assim facilitar os estudos. Lembro-me de que nos primeiros dias de aula não gostava da escola e não consegui me adaptar por um bom tempo. Iniciei na escola no ensino infantil aos 4 (quatro) anos de idade e todos os dias minha tia ia ficar comigo na escola, pois eu não gostava do ambiente, mesmo as aulas sendo bastante divertidas e a professora sempre buscando nos fazer sentir confortáveis no ambiente escolar.

No ano seguinte, entrei para a alfabetização (1º ano). Foi lá onde se iniciou o processo de leitura e escrita. Nessa série, como já estava com 1 (um) ano de escola e acostumada com os colegas e professores, foi mais fácil a permanência na escola para assistir as aulas. As aulas eram, geralmente, divertidas e com várias técnicas diferentes de ensino. A professora nos fazia ler palavrinhas, que depois textos e nos mandava cópias de textos para fazermos em casa.

Sobre essa técnica de ensino, Freire (2011) afirma existir uma compreensão um tanto errônea de que os professores têm de ensinar a ler e escrever, pois o processo de ensino da leitura e da escrita não se dá apenas pela insistência do professor de que o aluno leia e aprenda os textos que ele escolhe, mas que o professor seja apenas um incentivador da leitura, para que os alunos desenvolvam o hábito a partir do que eles querem ler, pois isso facilita até a sua compreensão sobre o texto lido.

O 2º ano foi o ano em que eu menos produzi na escola, pois não gostava da professora e nem dos colegas. Isso fez com que eu aprendesse e desenvolvesse menos na escola, pois nunca queria participar das atividades. A professora não gostava de ensinar e muitas vezes tratava mal alguns alunos. Por essa razão, muitos de nós começamos a ficar desgostosos com a escola, pois a função de professor requer “cuidar e educar para vida, para que cada educando possa construir sua história baseada nos valores morais e éticos, podendo assim, exercer a cidadania” (SILVA, 2013, p. 9).

Eu sempre fui uma criança que gostava muito de ler e de escrever na escola. Em todas as séries do Ensino Fundamental I, tínhamos em todos os bimestres uma prova de redação. Essa prova era uma Ficha de Leitura. Nós líamos os livros e respondíamos as perguntas desses livros. Como meus pais também eram grandes incentivadores do nosso

desenvolvimento com a leitura, sempre eles compravam os livros e, quando estávamos com preguiça de ler, eles liam para nós, pois assim aprendíamos a história também.

Contudo, minha trajetória e meu apreço pela leitura se consolidaram realmente em meados do ano de 2010, quando cursava o 8º ano do Ensino Fundamental e decidi, juntamente com minha irmã, comprar alguns livros de uma colega que vendia. Essa experiência foi única na nossa vida, pois o primeiro livro que compramos foi *Amanhecer*, da Saga *Crepúsculo*. Como afirma Ferrarezi Jr. (2013, p. 12) “[...] até coisas mais esdrúxulas, como a série Harry Potter e a vampiresca série “Crepúsculo”, acabam servindo para uma relação cinema-livro que pode conduzir o jovem ao gosto pela leitura”. Depois de assistirmos ao filme, tivemos vontade de saber mais daquela história e recorremos ao livro, o que culminou em nos tornar leitores. Como era um livro de muitas páginas em relação aos livros que costumávamos ler, isso foi para nós um grande desafio.

Após a leitura desse livro, achamos interessante e passamos a comprar mais livros. Inicialmente, era 1 (um) livro por mês. Depois de algum tempo passamos a comprar muitos livros e sempre mantivemos esse hábito de leitura, ainda que fossem *best-sellers*. Essas atitudes nos fizeram aprimorar nossa leitura e entendermos melhor o que estamos lendo.

Na transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, passei por um choque de mudança de realidade, pois a maioria dos meus colegas não gostava de ler e nunca tinham lido um livro completo na vida. Isso foi estranho no início, mas como era numa escola profissionalizante e passávamos o dia inteiro na escola, passei a frequentar a biblioteca da escola para ler todos os dias no horário do almoço.

Foi nessa época que passei a ter contato com diversos livros clássicos da literatura brasileira. Acredito que isso acentuou ainda mais a vontade que eu tinha de ser professora, pois via a falta de interesse que os alunos tinham pela leitura, pela escrita e desenvolvi o propósito de ser uma professora que servisse de inspiração para os seus alunos, pois “a escola proporcionou-me um imenso prazer em frequentá-la, o que, nos dias de hoje, muito pouco se vê. Hoje, parece que os alunos vão para a escola, na maioria das vezes, desanimados, sem vontade de lá estar” (ANDRADE, 1999, p. 3 *apud* SILVA, 2013, p. 15).

O Ensino Médio foi a época em que mais me desenvolvi enquanto leitora, não só pelo desejo que sentia de ler, mas também pelo incentivo que a escola nos dava, trazendo diversas forma de gincanas, peças teatrais, tudo isso girando em torno da leitura. Isso foi um grande incentivo no nosso desenvolvimento enquanto leitores, pois como afirma Freire (2011, p. 53), “fazer a História é estar presente nela e não simplesmente nela estar representado”.

Deste modo, posso afirmar que essa escola não estava preocupada somente em fazer parte de uma representação da nossa vida intelectual, mas ela nos ajudou e nos incentivou a construir a nossa história e fez parte do nosso desenvolvimento enquanto adolescentes e estudantes. Isso foi uma grande influência também para a minha escolha da faculdade e sobre qual curso ingressar no Ensino Superior após sair do Ensino Médio.

Desde o Ensino Fundamental eu tinha o desejo de ser professora, mas nunca sabia o que eu realmente queria ensinar. Só com o tempo fui percebendo que minha matéria preferida era Língua Portuguesa. Assim, já no Ensino Médio, decidi que eu queria cursar Letras e que queria ser uma professora de Língua Portuguesa.

De início, o desejo e interesse pelo curso foram motivados pela área de Literatura, pois sempre gostei muito dos estudos sobre literatura e durante o meu Ensino Médio me tornei uma apreciadora dos clássicos da literatura brasileira, através das obras de José de Alencar, Machado de Assis, Cruz e Sousa, Rachel de Queiroz, Vinícius de Moraes. Porém, quando entrei no curso e comecei a cursar as outras disciplinas, percebi a área de Letras é ampla, existindo inúmeras possibilidades de atuação além da área da Literatura. Neste sentido, quero ser uma professora que faça a diferença na vida dos meus alunos. O que eu realmente quero é que eles percebam que os professores se importam com o seu desenvolvimento. Eu quero ser, na vida de muitos adolescentes, a influência que muitos professores foram pra mim e quero que, assim como eu, eles tenham professores que façam com que eles sintam prazer em ler um livro, não leiam apenas porque o professor pediu, mas que leiam porque sentem prazer na leitura e consideram-na fundamental para o seu crescimento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, prestes a concluir a graduação, vemos a importância que a leitura teve na nossa vida, o quanto ela ampliou o conhecimento que temos hoje e o quanto ela nos fez crescer também como ser humano. Como trata Freire (2011, p. 30), “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”. Vemos o quanto ler é importante e o quanto a leitura nos faz ver o mundo de outra forma, dando-nos a capacidade de poder transformá-lo, além de ampliar nossa capacidade de sermos leitores críticos e criadores de uma identidade própria.

Assim, com base no nosso relato das experiências vividas com o universo da leitura, desde a alfabetização até a entrada no Ensino Superior, podemos afirmar que, a formação

leitora não se dá apenas na escola, o acompanhamento da família nesse processo é essencial para que a criança já chegue à escola com interesse pela leitura e que esse interesse venha de casa, pois como retrata Ferrarezi Jr. (2013), a escola sem o apoio da família raramente consegue desenvolver na criança o gosto pela leitura, mas se ela já chega à escola gostando de ler e se interessando por essa prática, desde os anos iniciais, nada consegue fazer com que ela perca o gosto pela leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA, S. C. X.; PASSEGGI, M. C. F. B. S. P. Memorial autobiográfico: uma tradição acadêmica no Brasil. In: PASSEGGI, M.C.; VICENTINI, P.P; SOUZA, E.C. (Org.).

Pesquisa (auto)biográfica: narrativas de si e formação. Curitiba-PR: CRV, 2013, p. 29-47.

FERRAREZI JR., C. A leitura em casa: a participação da família no ensino sistemático da leitura na fase infanto-juvenil. **Trem de Letras**, v. 1, p. 14-28, 2013. Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:94WD20OxGswJ:https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/download/163/95+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> Acesso em: 09 fev. 2019.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREITAS, L. M.; GHEDIN, E. L. NARRATIVAS DE FORMAÇÃO: origens, significados e usos na pesquisa-formação de professores. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 10, n. 19, p. 111-131, jan-jun, 2015.

SILVA, J.; CAVALCANTE, F. L.; SILVA, E. P. Método (auto) biográfico e a pesquisa formação. **Atas**, Investigação Qualitativa em Educação, Salamanca, v. 1, p. 1688-1697. Disponível em: <<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1522/1479>>. Acesso em: 11 fev. 2019.

SOUZA, E. C. **(Auto)biografia: História de vida e prática de formação.** EDUFBA: Scielo Books, 2007.